

Apresentação do dossiê “Decolonialidade e educação linguística no sul global: reflexões críticas sobre currículo, políticas educacionais e experiências pedagógicas no Brasil”

“Decoloniality and language education in the global south: critical reflections on curriculum, educational policies, and pedagogical experiences in Brazil”

“Decolonialidad y educación lingüística en el sur global: reflexiones críticas sobre el currículo, las políticas educativas y las experiencias pedagógicas en Brasil”

Kleber Aparecido da Silva¹

 0000-0002-7815-7767

Joaquim Dolz²

 0000-0003-1488-0240

Paula Cobucci³

 0000-0002-2429-9794

Leketi Makalela⁴

 0000-0001-6375-5839

Sumário

Apresentação

Decolonialidade e educação linguística no sul global: reflexões críticas sobre currículo, políticas educacionais e experiências pedagógicas no Brasil

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela UNESP (São José do Rio Preto), São Paulo, Brasil. Professor Associado 4 do curso Letras (Português do Brasil como Segunda Língua)/Relações Internacionais e dos cursos de Pós-Graduação em Linguística e em Relações Internacionais da Universidade de Brasília, Brasil. É bolsista em Produtividade pelo CNPq. E-mail: kleberunicamp@yahoo.com.br.

² Doutor em Ciências da Educação - Didática de Línguas, pela Universidade de Genebra - UNIGE, Suíça. Professor Honorário da Universidade de Genebra - UNIGE, Suíça. E-mail: joaquim.dolz-mestre@unige.ch.

³ Doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília. Professora Adjunta 3 do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. E-mail: paulacobucci@gmail.com

⁴ Doutor em Linguística, Letramento e Educação pela Michigan State University. É professor Associado e Diretor Fundador do Hub for Multilingual Education and Literacies na University of Witwatersrand, Joanesburgo, África do Sul. E-mail: leketi.makalela@wits.ac.za.

Kleber Aparecido da Silva
Joaquim Dolz
Paula Cobucci
Leketi Makalela

Parte 1: Fundamentos e perspectivas internacionais

Eixo 1 - Educação crítica e decolonialidade: fundamentos e abordagens teóricas

1. Educação crítica: para (re)pensar a inclusão no mundo social
Flavius Almeida dos Anjos

2. O perigo de uma linguística única
Gabriel Nascimento

3. A construção colonial do monolinguismo e seu impacto no desenvolvimento das línguas africanas
Rajabo Alfredo Mugabo Abdula

Eixo 2 - Políticas linguísticas e multiletramentos no contexto internacional

4. A noção de decolonialidade aplicada às línguas minorizadas na Europa: o caso do ensino do catalão no País Valencià
Joaquim Dolz
Aina Monferrer-Palmer
Itziar Idiazabal

5. Transformative education through social activities and curriculum de-encapsulation
Fernanda Liberali

6. Multiletramentos na escola: uma proposta intercultural
Elisângela Ladeira de Moura Andrade
Anair Valênia Martins Dias

Parte 2: Experiências e discussão do currículo no Brasil

Eixo 3 - BNCC e desafios da educação linguística crítica

7. Educação Linguística Interseccional: a BNCC sob as lentes da Interseccionalidade
Bruna Carolini Barbosa
Victor Santiago Sousa

8. O perigo de uma língua única: algumas reflexões acerca da BNCC a partir da

perspectiva dos (multi)letramentos

Raisa Ketzer Porto

Joice Armani Galli

9. Narrativas conspiratórias: o que diz a BNCC?

Júlio Araújo

Melissa Sousa

10. BNCC e Inglês como Língua Franca: do limão faremos uma limonada?

Domingos Sávio Pimentel Siqueira

11. Os multiletramentos na BNCC: desafios e possibilidades para uma educação linguística decolonial?

Shirley Adriana Sousa Silva

Maria Cecília Camargo Magalhães

12. Linguística Aplicada Crítica e análise de material didático: reflexões para a realidade local brasileira

Gleisla Thais Mendes

Fernando Silvério de Lima

Eixo 4 - Práticas pedagógicas e formação docente decolonial

13. Formação docente decolonial no ensino superior: religiões de matrizes africanas nas aulas de língua espanhola

Rodrigo Agra de Oliveira

Aleph Danillo da Silva Feitosa

Flávia Colen Meniconi

14. Pedagogias freireanas e a Linguística Aplicada Crítica: um diálogo profícuo

Rosana Nunes

Tamara Angélica Brudna da Rosa

Kleber Aparecido da Silva

15. "Casa de alvenaria", letramentos críticos e educação antirracista: uma proposta de orientação decolonial

Eliane Fernandes Azzari

Elizabeth da Silva Pereira

16. Letramento Crítico-Afetivo e a possibilidade de existir na (trans)linguagem: ações e emoções voltadas à justiça social em aulas de línguas

Diogo Oliveira do Espírito Santo

17. Podcast e temas contemporâneos transversais para a formação de uma comunidade educativamente mais crítica

Ana Paula Paim da Rosa

Vanessa Ribas Fialho
André Firpo Beviláqua

18. Letramento e ensino crítico de língua portuguesa como segunda língua para surdos: caminhos possíveis
Josiane Junia Facundo

19. Decolonialidade na Linguística Aplicada: levantamento de pesquisas na pós-graduação stricto sensu em instituições públicas de goiás
Ana Luísa Carvalho Rodrigues
Viviane Pires Viana Silvestre
Vivian Silva Castelo Branco

O conceito de decolonialidade tem emergido como um campo essencial para refletirmos sobre as dinâmicas de poder que moldaram, e ainda moldam, as sociedades colonizadas. Ao redor do mundo, em diferentes contextos históricos e culturais, a decolonialidade aparece não como uma ideia única, mas como um movimento plural que se adapta às particularidades de cada lugar. Na Europa, por exemplo, a decolonialidade se coloca como uma crítica ao pensamento ocidental hegemônico, questionando as bases de um conhecimento que exclui outras formas de saber. Já na África, o movimento se conecta profundamente com as lutas pela afirmação das culturas e saberes tradicionais que foram marginalizados durante o colonialismo. Nos Estados Unidos e no Canadá, o foco recai sobre a resistência das populações indígenas e afrodescendentes, buscando dar voz a grupos historicamente oprimidos. E na Ásia, a decolonialidade articula uma crítica à imposição cultural dos colonizadores e à necessidade de preservar as línguas e as identidades locais (Silva; Leketi, 2025).

No Brasil, a decolonialidade é entendida como um movimento intelectual e político que busca questionar e desconstruir as estruturas de poder e as narrativas históricas que resultaram do colonialismo e ainda influenciam as relações sociais, políticas e educacionais. Em um país marcado por um passado colonial complexo, que inclui a escravidão e a imposição de uma cultura e língua europeias, a decolonialidade no Brasil vai além da crítica ao colonialismo em si, mas inclui a investigação das maneiras pelas quais suas consequências ainda se manifestam

na sociedade contemporânea (Silva; Cobucci, 2025).

Muitas vezes, é associada à luta pela valorização das culturas e saberes indígenas, afro-brasileiros e das populações marginalizadas, que foram historicamente silenciadas ou subjugadas pelos sistemas coloniais. Esse movimento decolonial se expressa de diferentes maneiras, incluindo uma crítica à educação tradicional, que frequentemente reflete um currículo eurocêntrico e homogêneo, ignorando ou desvalorizando as diversas culturas, línguas e histórias presentes no Brasil. Em vez disso, a decolonialidade propõe um modelo educacional mais inclusivo, que reconheça e celebre a diversidade cultural e linguística do país, ao mesmo tempo que desafie as normas que perpetuam a opressão. A educação, entendida como um dos principais espaços de reprodução das desigualdades sociais, é também um campo fértil para a resistência e a transformação. A decolonialidade, portanto, não é um conceito fixo.

No posfácio apresentado no livro *Perspectivas decoloniais nos estudos da linguagem* (2024), publicado pela editora Mercado de Letras, Joaquim Dolz propõe quatro pontos essenciais para entender a perspectiva decolonial, que guiam as reflexões sobre a educação e as relações de poder. O primeiro ponto destaca a **colonialidade como uma construção sócio-histórica**, uma sedimentação do sistema colonial que persiste nas relações de poder, de gênero, de saber e na construção das identidades. Dolz (2024) argumenta que as transformações sociais, culturais e econômicas originadas pelo colonialismo, que continuam a reverberar na modernidade, resultaram em diversas formas de desigualdade social, consolidando uma visão ocidental de segregação e controle do acesso ao capital. A decolonialidade, então, surge como um movimento de **resistência epistêmica** contra essa lógica, visando a justiça social e a valorização dos saberes emancipatórios.

O segundo ponto aborda a **matriz das opressões**, focando na interseção entre raça, classe, sexo, gênero, culturas, línguas minoritárias e religiões preexistentes nos países colonizados. Dolz (2024) explica como as diferentes formas de opressão se entrelaçam e se sobrepõem, utilizando o exemplo da opressão das mulheres em sociedades colonizadas, que envolve uma combinação

de discriminação patriarcal, étnica e de classe. Esse aspecto ilustra como as desigualdades sociais não podem ser compreendidas isoladamente, mas devem ser analisadas de forma interseccional, considerando os múltiplos fatores de exclusão e marginalização.

O terceiro ponto refere-se ao **caráter interdisciplinar dos estudos decoloniais**, que combinam áreas do saber como história, filosofia, sociologia, economia, demografia e, especialmente, a linguística. Dolz (2024) destaca a crítica à colonialidade do saber, um movimento pós-moderno que desafia o universalismo das Ciências Humanas e Sociais, propondo uma análise das dinâmicas de poder que estruturam o conhecimento. A decolonialidade, nesse contexto, se apresenta como uma crítica ao domínio de um saber único e universal, questionando a centralização do conhecimento ocidental e propondo a pluralização das epistemologias.

Por fim, o quarto ponto trata das **origens latino-americanas** da decolonialidade, com uma forte presença de autores como Grosfogel, Mignolo, Castro e Dussel, que, apesar de sua origem na América Latina, evitam se considerar como representantes de um “novo paradigma” da região. Dolz (2024) explica que o movimento decolonial se caracteriza por um pensamento de fronteira, que se opõe à visão linear e evolucionista do pensamento eurocêntrico, propondo uma visão de um mundo onde “outros mundos sejam possíveis”. A resistência decolonial, nesse caso, não se limita a questões econômicas, mas também envolve a criação de espaços transformadores para a socialização do poder e a construção de novas formas de existência. A relação entre **língua e poder** é um dos temas centrais da decolonialidade, refletindo sobre como a dominação linguística está atrelada às estruturas de poder que marcam as sociedades colonizadas.

Este dossiê, publicado na Revista *Entretextos*, está organizado em três eixos temáticos, divididos em duas partes que abordam diferentes dimensões da decolonialidade. Na primeira parte, mais geral, os dois primeiros eixos apresentam trabalhos que discutem os fundamentos teóricos da decolonialidade e suas manifestações em diversos contextos globais. Esses textos oferecem uma análise crítica dos conceitos e das implicações da decolonialidade, considerando suas

múltiplas dimensões e os desafios que o movimento enfrenta em diferentes regiões do mundo, como Europa, África, América do Norte e Ásia. Já a segunda parte do dossiê é mais centrada no Brasil e dedica-se a explorar experiências pedagógicas e práticas educacionais que têm ocorrido no país. Nesse contexto, destaca-se a discussão do currículo nacional, particularmente no que se refere à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e como as propostas decoloniais têm influenciado a implementação e adaptação do currículo nas escolas brasileiras. Assim, o dossiê busca integrar uma reflexão teórica sobre a decolonialidade com as experiências práticas que estão sendo vivenciadas no Brasil, proporcionando uma análise crítica e construtiva sobre os caminhos para uma educação mais inclusiva, justa e transformadora.

A partir desses elementos, o dossiê busca não apenas apresentar uma visão teórica sobre a decolonialidade, mas também refletir sobre as práticas concretas que estão sendo desenvolvidas no Brasil, por meio de experiências pedagógicas que questionam e reconfiguram o currículo escolar. Em um país marcado por profundas desigualdades sociais e culturais, a decolonialidade se torna uma ferramenta de transformação, capaz de reconfigurar o ensino e dar voz às diversas culturas e línguas presentes no território. O currículo, portanto, não pode ser visto apenas como um conjunto de conhecimentos a ser transmitido, mas como um espaço de resistência, de afirmação da identidade e de luta por justiça social.

Na **Parte 1**, que trata dos **Fundamentos e perspectivas internacionais**, o **Eixo 1** aborda a **Educação crítica e decolonialidade: fundamentos e abordagens teóricas**. O artigo de Flavius Almeida dos Anjos propõe uma reflexão sobre a educação crítica como forma de (re)pensar a inclusão no mundo social, destacando a pedagogia freireana como eixo central para a transformação da percepção dos alunos sobre a língua e o mundo. Gabriel Nascimento, por sua vez, discute os perigos de uma linguística única, questionando a hegemonização dos estudos linguísticos e trazendo à tona práticas racistas nas teorias linguísticas dominantes. O trabalho de Rajabo Alfredo Mugabo Abdula analisa a construção colonial do monolinguismo na África e seu impacto nas línguas africanas, destacando como a imposição das línguas europeias durante o período colonial

criou uma hierarquia linguística que ainda reverbera no presente.

O **Eixo 2**, que trata das **Políticas linguísticas e multiletramentos no contexto internacional**, apresenta, no artigo de Joaquim Dolz, Aina Monferrer-Palmer e Itziar Idiazabal a aplicação da noção de decolonialidade no ensino das línguas minoritárias, com foco no caso do catalão no País Valencià. A pesquisa explora como a repressão da língua e a diglossia continuam a impactar a educação. Fernanda Liberali discute a educação transformadora por meio de atividades sociais e a desencapsulação do currículo, propondo uma pedagogia crítica e inclusiva que conecta o conhecimento acadêmico com questões sociais e culturais. Já o artigo de Elisângela Ladeira de Moura Andrade e Anair Valênia Martins Dias traz uma proposta de multiletramentos na escola com uma abordagem intercultural, integrando a teoria dos multiletramentos à educação intercultural indígena.

A **Parte 2** do dossiê é dedicada às **Experiências e discussão do currículo no Brasil**, com destaque para o **Eixo 3**, que enfoca a **BNCC e os desafios da educação linguística crítica**. O artigo de Bruna Carolini Barbosa e Victor Santiago Sousa faz uma análise crítica da BNCC sob a ótica da interseccionalidade, apontando que a abordagem sobre raça, gênero e sexualidade é superficial e compromete a criação de um ambiente educacional inclusivo. No artigo de Raisa Ketzer Porto e Joice Armani Galli, as autoras discutem as contradições da BNCC que, ao privilegiar o inglês como língua única obrigatória, se distancia dos princípios de multiletramentos e interculturalidade. O artigo de Júlio Araújo e Melissa Maria do Nascimento Sousa sugere integrar o estudo das narrativas conspiratórias no ambiente escolar, promovendo letramentos críticos e uma formação cidadã mais completa.

Domingos Sávio Pimentel Siqueira, por sua vez, discute o conceito de Inglês como Língua Franca (ILF) introduzido pela BNCC, sugerindo que, apesar dos desafios, é possível promover uma educação mais inclusiva e transformadora com esse conceito. O artigo de Shirley Adriana Sousa Silva e Maria Cecília Camargo Magalhães examina os desafios e as possibilidades que a BNCC oferece para uma educação linguística decolonial. Enquanto Gleisla Thais Mendes e Fernando

Silvério de Lima fazem uma análise crítica de material didático, refletindo sobre as implicações da Linguística Aplicada Crítica na realidade brasileira.

No **Eixo 4**, dedicado às **Práticas pedagógicas e formação docente decolonial**, o artigo de Rodrigo Agra de Oliveira, Aleph Danillo da Silva Feitosa e Flávia Colen Meniconi aborda a formação docente decolonial no Ensino Superior, com foco no ensino de línguas espanholas e a inclusão das religiões de matrizes africanas. Rosana Nunes, Tamara Angelica Brudna da Rosa e Kleber Aparecido da Silva discutem o diálogo entre a Linguística Aplicada Crítica e as pedagogias freireanas, propondo uma abordagem educacional voltada para a justiça social. O artigo de Eliane Fernandes Azzari e Elizabeth da Silva Pereira propõe uma orientação decolonial para a educação antirracista, utilizando a leitura comparada de edições do livro “Casa de Alvenaria”, de Maria Carolina de Jesus. Já Diogo Oliveira do Espírito Santo discute o letramento crítico-afetivo e a translanguagem, explorando como essas abordagens podem ser integradas ao ensino de línguas com foco na justiça social.

Ana Paula Paim da Rosa, Vanessa Ribas Fialho e André Firpo Beviláqua investigam o uso de podcasts como ferramenta para a formação de uma comunidade educacional crítica, enquanto Josiane Junia Facundo propõe um estudo sobre o ensino de língua portuguesa para surdos, com uma abordagem bilíngue que respeite a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Por fim, o artigo de Ana Luísa Carvalho Rodrigues, Viviane Pires Viana Silvestre e Vivian Silva Castelo Branco mapeia as pesquisas decoloniais em Linguística Aplicada nas universidades públicas de Goiás, contribuindo para a visibilidade e fortalecimento dos trabalhos decoloniais na região Centro-Oeste.

Este dossiê, ao entrelaçar as perspectivas decoloniais com a educação linguística, nos desafia a olhar para o currículo escolar e as práticas pedagógicas não apenas como instrumentos de ensino, mas como espaços vivos de resistência e transformação. Convidamos o leitor a refletir profundamente sobre as múltiplas formas de dominação que ainda permeiam nossas sociedades e a questionar as narrativas hegemônicas que moldam o conhecimento e a identidade. Ao confrontar o legado do colonialismo com as práticas e saberes alternativos que emergem em

diversas partes do mundo, este trabalho não só propõe uma reconfiguração do currículo, mas uma reavaliação da própria construção do saber. Como nos ensina Joaquim Dolz, a decolonialidade é um movimento de resistência epistêmica e de criação de novos horizontes para a educação.

Esperamos que este dossiê inspire uma prática pedagógica transformadora, capaz de abrir espaços para que outros mundos, mais justos e plurais, sejam possíveis. A leitura que agora se inicia é um convite a repensar, com coragem e compromisso, o papel que cada um de nós tem na construção de um futuro onde a educação seja realmente emancipadora.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://www.bndcc.mec.gov.br>. Acesso em: 15 mar. 2025.

DOLZ, J. Posfácio – Aportes e limites do Giro Decolonial. In: SILVA, K. S.; COBUCCI, P. (org.). *Perspectivas decoloniais nos estudos da linguagem*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2025. p. 457-475.

SILVA, K. S.; MAKALELA, L. (Eds). *Routledge Handbook of Translanguaging in the Global South*. London, Routledge, 2025 (no prelo).

SILVA, K. S.; COBUCCI, P. (org.). *Perspectivas decoloniais nos estudos da linguagem*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2025.

Recebido em: 17 mar. 2025.

Revisora de língua portuguesa: Patrícia Cardoso Batista